



A Condição Pós-Moderna: os desencaixes

Luiz Alberto Barbosa e Keila Márcia Camargo*

O objetivo deste trabalho é nos levar a refletir sobre a profunda crise que o ser humano enfrenta em um mundo globalizado e pós-moderno neste início de século. Para isto analisaremos o problema dos desencaixes que ocorrem cotidianamente, quando o homem se depara com situações novas, para as quais ainda não existem respostas formuladas. Neste início do século XXI, faz-se necessário redefinir qual é o papel do homem e o lugar que ele ocupa em um mundo pós-moderno.

O começo do século XXI demonstra que a humanidade passa por uma profunda crise, que vai desde suas representações simbólicas, os seus valores sociais e éticos e uma reconceituação sobre o papel do ser humano em um mundo globalizado. É uma crise sobre a identidade do homem, de suas potencialidades e das suas relações com o outro e com o mundo real. O ser humano já não mais se encaixa nas definições previamente estabelecidas, questionando cada vez mais qual o seu papel diante do universo.

Tanto a religião quanto à metafísica medieval conceberam o homem como o centro do universo, antropocentrismo. Com o advento do heliocentrismo o homem deixa de ser o eixo. O homem que se encontrava encaixado dentro de uma hierarquia na qual ele estava no topo, de repente é colocado na periferia, cercado por um universo frio e que não consegue mais responder às suas necessidades religiosas. Sendo assim, o universo passa a ser visto apenas como uma extensão sem medida de espaço, frio, mudo e sem sentido. Este trabalho procurará mostrar as conseqüências da modernidade e pós-modernidade na subjetividade humana. Levando muitas vezes a situações em que o espaço-tempo já não mais são obstáculos para o relacionamento e a interação social. Isto acaba gerando desencaixes, situações conflituosas para o homem pós-moderno.

1. A Ética e a crise da modernidade

* Trabalho apresentado no curso de mestrado em Ciências da Religião da Universidade Católica de Goiás.



A ética e a crise da modernidade tem sido um dos temas mais discutidos na atualidade. E a discussão se aprofunda quando nem ao menos temos um princípio geral de definição de modernidade. O que é a modernidade? Não sabemos! Ela é a fusão do múltiplo, do heterogêneo, do fragmentado, do efêmero, onde se envolve atividade racional, científica, tecnológica e administrativa. Basicamente, existem duas figuras condensadoras da modernidade: a racionalização e a subjetivação. "Racionalização e subjetivação aparecem ao mesmo tempo, como a Renascença e a Reforma, que se contradizem, mas se completam ainda mais". Segundo Anderson et al (1996, p.56):

"O drama da nossa modernidade é que ela se desenvolveu lutando contra a metade dela mesma, fazendo a caça ao sujeito em nome da ciência, rejeitando toda a bagagem do cristianismo que vive ainda em Descartes... (destruindo) a herança do dualismo cristão e as teorias do direito natural que haviam provocado o nascimento das Declarações dos direitos do homem e do cidadão nos dois lados do Atlântico".

Para Marcuse (1967) a modernidade precisou matar o sujeito para triunfar e no plano da ética, o problema se torna bem mais crucial. A pergunta a ser feita, hoje, é se os valores éticos se constituem em padrões uniformes, imutáveis e universais ou devemos ter regras casuísticas de conduta? Devemos adotar a subjetividade ou a objetividade axiológica? A absolutividade ou relatividade dos valores éticos? A sua Igualdade ou hierarquia?

Esses questionamentos permanecem ainda insolúveis, temos mais de três séculos de discussão sobre o triunfo da razão e o esboroamento das tradições ocidentais. O esgotamento da modernidade se transforma em sentimento de angústia e desencantamento do mundo. Surge a secularização e a separação entre o mundo dos fenômenos (da técnica) e o mundo do ser. De acordo com Harvey (1994) e a concepção weberiana, não nos aprisionamos mais em uma jaula de ferro, contudo, parte da filosofia não se engaja na discussão do mundo novo, parte da filosofia permanece arrebatada na contemplação dos grandes pensadores, sem trazê-los para fermentar a realidade do cotidiano. Mudaram os mitos, apagaram-se as luzes e alguns pensam que a filosofia ainda pensa controla a situação. Na figura de Santaella (1994, p. 89), a filosofia "... segue enfadonha e cansadamente o seu caminho como se nada tivesse mudado. Como uma idosa viúva que, falida e depauperada, vivendo numa decadente mansão, caindo aos pedaços no limite da cidade, ainda faz de conta que sua família continua controlando a cidade".



Com a modernidade, a ciência se isolou de qualquer referência à religião, decretando o exílio do sagrado, como se a única resposta para o homem se condicionasse ao discurso científico. A ciência moderna está empenhada em transformar o mundo com novas tecnologias, mas para que mudar o mundo se a ciência ignora o homem com suas crenças e valores? De que servem todas as conquistas científicas se não para benefício do homem? E onde está o encontro da ciência com os valores humanos?

Contudo, surgem as reações antimodernistas com Nietzsche, Freud, a Escola de Frankfurt, Foucault e outros. Já no começo do séc. XIX (1818 – em “O Mundo como vontade e como representação”), se distancia do mundo da razão e da técnica e afirmando que é preciso destruir o ego, a ilusão da consciência e da ordem social (a racionalidade desenfreada do neoliberalismo).

Nietzsche apud Touraine (1994) diz que a sua crítica é individualista, ele se coloca no interior da modernidade, reivindica a herança iluminista, particularmente de Voltaire, sobretudo pela reação volteriana ao cristianismo. Em a Gaia Ciência, ainda Nietzsche apud Touraine (1994) nos deixa carregados de culpa, quando diz: “Deus está morto, nós o matamos, Deus permanece morto. E fomos nós que o matamos. Como nos consolar, nós, os assassinos dos assassinos? Aquilo que o mundo possuía até agora de mais sagrado e de mais poderoso perdeu seu sangue sob nossos punhais. Quem limpará esse sangue de nossas mãos? Que água lustral poderá jamais nos purificar? Que solenidades expiatórias, que cerimônias sacras precisaremos inventar?” E continua: “Quem quer que nasça depois de nós pertencerá, em virtude dessa mesma ação, a uma história superior a tudo o que foi história até agora!”.

Ao continuarmos a reflexão dessa problemática, convém nos situarmos dentro do contexto relacional da modernidade, do neoliberalismo e da globalização, para melhor trabalharmos o tema da ética e da crise da modernidade.

2. A modernidade e o cartesiano

Para Anderson et alli (1996), pelo excesso de racionalização, se instala no plano político-econômico com o neoliberalismo e a globalização, funcionando como a ditadura extremada da razão e a morte do sujeito. Como se sabe, o Neoliberalismo nasceu depois da II Guerra Mundial, na Europa e nos Estados Unidos como uma reação teórico-política ao Estado Intervencionista do Bem-Estar Social. O Estado do Bem-Estar Social surgiu no início do séc. XX, mas só se desenvolveu após a II Grande Guerra, se caracteriza pelo intervencionismo estatal em setores que antes eram reservados aos cidadãos, como setores econômicos estratégicos, siderurgia, energia,



petróleo, telefonia, empresas, redação e distribuição de jornais. No Rio de Janeiro o Estado Brasileiro era responsável até por lojas de confecção de roupas, etc.

Se fizermos uma retrospectiva dos paradigmas estatais, o primeiro grande paradigma estatal é o Estado de Direito ou Estado Moderno que surgiu no séc. XVIII e se caracterizava pela mínima intervenção do Estado; o modelo liberal de Estado é substituído pelo Estado do Bem-Estar Social, grande, lento, ineficiente, draconiano, paquidérmico e injusto; na década de 70 surge o Estado Democrático de Direito que não abandona os paradigmas anteriores, simplesmente incorpora novos direitos, como os direitos difusos, direitos ambientais, do consumidor, etc.

Ainda para o mesmo autor, consolidou-se o neoliberalismo na Inglaterra, com Dama de Ferro; nos Estados Unidos com Reagan; no Chile com Pinochet; na Bolívia com Banzer e Paz Estensoro; no México com Salinas; na Argentina com Menen; na Venezuela com Andrés Peres; no Peru com Fujimori; também no Japão, na Coreia, em Singapura, na Malásia e no Brasil aparece com Collor de Melo.

Na União Soviética, em nome do neoliberalismo, a Perestroika de Gorbatchov, retirou a Rússia do comunismo e a entregou à máfia russa. A nova virada dos anos 70 e 80 aceleraram a industrialização, a aquisição de novas tecnologias, crescimento dos mercados. O Neoliberalismo tornou-se uma superestrutura ideológica e política que acompanha as transformações da história do capitalismo moderno. O neoliberalismo e a modernidade rompem com as estruturas conceituais do passado e se apresentam como uma visão nova da realidade, "como (um) sistema unitário de conhecimento autocentrado na subjetividade". É impossível estudar o neoliberalismo sem examinar os pressupostos da modernidade. A modernidade, onde se insere o Neoliberalismo é uma perspectiva de superação do paradigma ontológico, cujo embrião nasceu na Reforma Protestante e do Renascimento, toma corpo e se acentua nos diferentes saberes e nas artes. Para expressar esses novos tempos, fala-se em termos, tais como, fase pós-moderna, pós-industrial, pós-cristã, pós-quebra de paradigmas, etc. O neoliberalismo e a modernidade são uma reconstrução histórica do capitalismo, que rompe com o passado e se articula num horizonte aberto, onde sempre cabem novas abordagens, geralmente megalomaniacas.

Podemos entender a modernidade como a fragmentação dos paradigmas estabelecidos (construídos em unidades fechadas), que se abrem, sem medo, em direção ao novo, ao desconhecido. Há, inclusive, nesses novos tempos, o desejo incontido de avançar, de transpor limites, de sair do convencional, de se expor, de correr riscos, de ser diferente. É a nova diáspora, grupos humanos dispersos que tomam consciência de suas finitudes, de estarem aqui e agora imersos na existência e querem respostas, querem sair dos guetos tradicionais do pensamento ocidental e se



aventurarem em direção a novas estruturas conceituais. Nesse sentido, a modernidade parece ser a maioria da razão, ou quem sabe, o atrofiamento da razão, com a desumanização do homem. A partir dessa premissa, a modernidade é um marco ousado, a encruzilhada da razão, ou a forma de reinventar novos corredores de pensamento que satisfaçam os questionamentos são novas leituras do mundo.

Conforme Ianni (1996), a globalização é filha adúltera do neoliberalismo e com o advento da globalização, fala-se numa multiplicidade sógnica: multimídia, desterritorialização, transculturação e reterritorialização, que faz com que o homem do povo se torne um mero espectador, que não entende o enredo, mas assiste ao espetáculo. Apenas sabe dizer e falar o nome dos novos deuses, mas desconhece o esquema comunicativo do discurso, ele consome o pacote pronto. Fala-se no fim da história e no fim da geografia e a mesma passa a ser a dos países centrais ou produtores e países periféricos ou consumidores; a história passa a ter o caráter de contemporaneidade e não-contemporaneidade. Assim, tempo e espaço possuem novas dimensões epistemológicas. Surgem os novos mitos: o mito da certeza racional (a razão torna-se o único instrumento para conhecer a verdade). O mito da cientificidade, do progresso, consumismo desenfreado, da subjetividade, etc. Na modernidade, os mitos que criamos foram deixados sem controle e tornaram-se loucos, povoando o nosso cotidiano. Aqui se pode estabelecer a diferença entre alienação e consciência crítica.

Entendemos que o impacto do neoliberalismo na cidadania e nas democracias latino-americanas gerou um impacto negativo sobre os povos da América Latina, como exemplo citamos a relativização da democracia e da soberania nacional dos Estados; pobreza, miséria e exclusão social; criando a febre privatista e duas sociedades irreconciliáveis: pobres e ricos; império do mal com enormes custos sociais; egoísmo racional e individualismo solidário; submissão ao Banco Mundial e ao Fundo Monetário Internacional o que conduz ao atraso econômico dos países pobres. Dentro desse contexto, o neoliberalismo é uma espécie de canibalismo, onde o grande e forte se alimenta do pequeno e fraco.

3. Crise da modernidade

Com o neoliberalismo e a globalização, com a idéia de países produtores e massa consumidora, despersonalizada, como adaptar a essa realidade às necessidades de afirmação dos indivíduos? Segundo Touraine (1994), o homem moderno está ameaçado pelo poder absoluto do ego, pela idéia de massa, pelo totalitarismo da sociedade de consumo. O pensamento contemporâneo está marcado pela luta entre o ser perdido e o ser-no-mundo, entre o nihilismo triunfante depois da



morte de Deus, do logos divino e das idéias platônicas e a idéia de homem como portador de tradição, de cultura e de história. Com a demolição do pensamento anterior, do ser perdido, se cria algo novo, que não é o ego individual (identificado como razão, que é conservador, medieval, carregado da idéia de rebanho, de massificação) e também não é o si mesmo, construído pela sociedade, mas a emersão do sujeito. A partir de Nietzsche e Freud o indivíduo deixa de ser concebido como trabalhador, consumidor, cidadão, deixa de ser um ente social e se torna um ser de desejo, em ser individual, um ser privado. O sujeito é redefinido e não está mais ligado a Deus, a razão e a história. Deus está morto, a razão se tornou instrumental e a história está dominada pelos Estados Unidos da América e pela União Européia. Para Santaella (1994) "O sujeito também não é a alma em oposição ao corpo, mas o sentido dado pela alma ao corpo, em oposição com as representações e as normas impostas pela ordem social e cultural"

Santaella (1994), diz que se torna inovador a passagem do indivíduo, ao sujeito e ao ator, o sujeito é à vontade de um indivíduo de agir e de ser reconhecido como ator, o indivíduo é a unidade particular onde se misturam a vida, o pensamento, a experiência e a consciência e o sujeito é a passagem do id ao ego. O ego é construído pela cultura e mata as possibilidades do sujeito, tornando o indivíduo consumidor que se submete às instâncias do Estado. Acredita-se que este ego é a afirmação como experiência de massa, reforça a inação das diferenças, fica preso ao sistema, ele conserva a modernidade, mas não a transforma. Nesse caso, como recuperar essa falta da dialogicidade entre a razão e o sujeito? Se de um lado, o sujeito sem a razão se fecha na obsessão de sua identidade e, de outro, a razão sem o sujeito se torna instrumento de poder. Parece que a resposta está no próprio sujeito, ele paira sobre tudo, está suspenso entre o céu e a terra, em constante construção, recria as suas razões e deixa de ser sujeito, deixa de ser ator da história e volta a ser o indivíduo, isso porque a idéia de sujeito não pode ser separada da idéia de ator social. Este ator, por sua vez, é o inverso do si-mesmo, porque é aquele que em vez de desempenhar os papéis que correspondem a seu status, constrói o campo social a partir da subjetivação. Não existe ator sem sujeito e não existe sujeito sem ator, ou seja, o sujeito é uma reflexão do indivíduo sobre a sua própria identidade, por isso a idéia de sujeito está na contra-mão do pensamento moderno, está na contra-mão do neoliberalismo e da globalização. A subjetivação é a transformação do indivíduo em sujeito.

Para Foucault apud Santaella (1994), a subjetivação é uma forma de sujeição, com o aparecimento da idéia de construção do 'homem interior, psicológico'. O sujeito não é impessoal, como Deus, a razão, a história e com essa mudança, o ego se parte em dois: de um lado o sujeito e de outro, o si-mesmo. O sujeito descobre que na ética, entre a lógica do bem e do mal, existem condutas neutras, técnicas, rotineiras, mas o bem e o mal aparecem desde que uma conduta seja social, desde que ela vise modificar o comportamento de um outro ator social.



A ética e a religião são espaços de experimentação do sujeito. A modernidade é a ruptura com o sagrado, é o dilaceramento do sagrado, a perda da idéia de mistério, da linguagem inconsciente, algo que está mais além (o ainda não), que se constitui numa ordem simbólica, num campo aberto a vários campos de sentido. Por isso, nunca se esgotam as possibilidades de interpretação dos símbolos religiosos, eles são arquétipos com cunho transpessoal e estão na raiz da nossa experiência existencial. Ao entrar na modernidade a ética e a religião entraram em crise, uma vez que na sociedade da técnica não há mais lugar para a tradição. Para sobreviver na modernidade, a religião e a ética necessitaram adquirir a idéia de sujeito, algo semelhante à experiência amorosa, que descobre a subjetividade. Sendo assim, a religião e a ética se transforma em uma âncora de resistência à modernidade avassaladora. A religião e a ética ao ousar sair do ego individual, forçam a emergência do sujeito, deixando para traz o espírito de rebanho que é a conservação do ego, conservação do indivíduo preso no contexto sócio-cultural.

Lyotard (1980), fala que a modernidade já foi muito longe, já matou Deus. Em Nietzsche "Deus está morto". Foi o que aconteceu com a religião, a racionalização da realidade destruiu o marco referencial da fé, destruiu as distinções entre o temporal-espiritual, e natural-sobrenatural. A modernidade pensa que superou o dualismo entre o sagrado e o profano, negando o sagrado, como um enxerto artificial que se insere na realidade da vida. A modernidade esqueceu que o sagrado não é distinto do cotidiano, não é um não-mundo ou um antimundo. Quando Tertuliano apud Touraine (1994) diz que *acredito porque é impossível*, está querendo dizer que há um ponto de conexão, aonde a razão não chega sozinha, que o homem necessita da sensibilidade, da emoção e do mistério, tanto quanto a razão, necessita de algo além de toda a esperança humana. É impossível alcançar uma definição exata desse "acredito por que é impossível."

Acreditamos que a modernidade que está posta, é pura massificação, dominação e opressão, e está centrada na visão crítica do sujeito. A presença do sujeito no indivíduo coloca o indivíduo no mundo, ele se abre para ser-com-os-outros, a partir da exterioridade do outro como sujeito ético, com rosto e com corporeidade, que grita e reclama justiça. As religiões demonstram que da queda do sujeito, da consciência do pecado, nasce o apelo à graça e à redenção. O sujeito se reconhece e se define por reunir o que está separado. Para o cristianismo, é preciso amar o próximo como criatura de Deus e amar Deus no próximo. Essa máxima cristã pode ser dita na nova modernidade, como o ato de reconhecer o outro como sujeito, uma vez que é na relação amorosa ou amigável que o sujeito se afirma. E aqui, no aparecimento do sujeito torna-se atual o banquete de Platão o "amor é uma resposta espiritual, e mesmo que haja a presença da corporeidade, ela não aprisiona o amor. O amor é a inesgotável contemplação do ser." É a relação amorosa que separa os determinismos sociais, nascidos do indivíduo e faz a emersão do sujeito ético. O fundamento da nova ética está centrado no sujeito que descobre o outro, descobre o verdadeiro sentido da alteridade. Caminhamos por tantas estradas, defendemos tantas teorias ao longo desses três séculos, para por fim, resignados, descobriremos



que a nova ética é a mesma ética defendida pelo cristianismo, desde o início, ou seja, reconhecer o outro como sujeito, uma vez que é nessa relação amorosa ou amigável que os sujeitos se afirmam. Essa afirmação do homem como sujeito de sua própria história, demonstra que ninguém realiza ninguém e ninguém se realiza sozinho, só nos realizamos no encontro.

Diante disso, passamos a refletir segundo alguns autores sobre a pós-modernidade e suas influências no mundo globalizado, onde a crise do encaixe, desencaixe e reencaixe acontecem de forma acelerada e muitas vezes imperceptível ao relógio biológico, tornando a condição pós-moderna, um tempo de crise infundável e crítica na vida dos seres-humanos.

4. A pós-modernidade no mundo globalizado – a crise do encaixe, desencaixe e reencaixe

Para Giddens (1991), as diferenças existentes entre a sociedade e a natureza na fase pré-moderna e moderna mostra que os seres humanos e a natureza, no mundo pré-moderno, não se encontravam, estavam dissociados. Os homens organizavam suas vidas em função do ritmo ditado pela natureza. Já nas sociedades modernas vive-se um cenário inverso. Com a revolução industrial e a aliança entre ciência e tecnologia, a natureza passa a ser controlada e transformada de um modo sem precedentes na história. Diante destas transformações rápidas, a humanidade passou a ter que redefinir a sua organização social.

“Nos setores industrializados do globo e, crescentemente, por toda parte. Os seres humanos vivem num ambiente criado, um ambiente de ação que é claro, é físico, mas não mais apenas natural. Não somente o ambiente construído das áreas urbanas, mas a maioria das outras paisagens também se torna sujeita à coordenação e controle humanos” (p. 66).

Em uma sociedade pré-moderna o sistema de parentesco proporcionava um modo relativamente estável de relações sociais, onde todos se conheciam e se protegiam. A comunidade local era o lugar primeiro onde formavam as relações sociais, dentro de um espaço geográfico pequeno e conhecido. Estas relações estabelecidas nestas condições perduravam através do tempo. Na sociedade moderna as relações de parentesco continuam importantes, porém não mais estão em primeiro lugar na escala social, assim como a comunidade local já não tem a mesma força anterior. Para Giddens local e global tornam-se inextricavelmente entrelaçados. Estas



premissas acabam por estabelecer as condições da pós-modernidade e as situações de desencaixe social por qual passa o homem pós-moderno.

Gumucio (1999), fala sobre as mudanças culturais que tem ocorrido no mundo através da globalização. Não existe um consenso entre os estudiosos sobre o tipo de mudanças que tem ocorrido, porém é certo que estas mudanças estão levando ao surgimento de uma nova cultura. Esta nova cultura seria produto de uma sociedade em transição e também está afetando o campo religioso latino americano, o qual sofreu profundas mudanças nos últimos anos. A globalização não está localizada em um determinado lugar, acontecendo de uma forma desterritorializada, porém suas conseqüências ocorrem de forma localizada, ou seja, os seus efeitos se manifestam de forma diferenciada em cada local, é o que o autor chama de "glocalización". Esta localização faz com que a globalização não ocorra com a mesma intensidade em todos os lugares, e na América Latina ela tem levado a mudanças rápidas na cultura, na política, economia e experiência religiosa.

Estas mudanças levam ao surgimento de novas subjetividades, fazendo com que o eixo estrutural da sociedade se transfira do coletivo para o indivíduo. Este subjetivismo acaba por afetar a religião, levando ao surgimento de movimentos e espiritualidades religiosas que querem recuperar o sentido social do cristianismo ao mesmo tempo em que dão respostas às indagações pessoais de cada pessoa. Nesta situação de mudança brusca e acelerada, ocorre o processo de desencaixe social. Uma sociedade, comunidade, que anteriormente vivia em aparente harmonia, com relações familiares e sociais estabelecidas, diante destas mudanças precisa se reinventar e encontrar respostas para situações que anteriormente não existiam. Com a globalização cultural, política, econômica e religiosa passa-se a viver sob o princípio democrático e pluralista. Este princípio é o que garante a existência e o desenvolvimento das identidades particulares de cada indivíduo. O ser humano, nesta situação, necessita encontrar ou reencontrar o seu espaço, reconstruir o seu ethos, para poder refazer o seu reencaixe dentro de uma estrutura social em constante mudança.

Para Gumucio (1999), o modo de conciliar, de uma forma não traumático, modernidade e tradição de um lado, e uma sociedade secularizada, com uma pluralidade religiosa do outro, é por meio da vivência de uma democracia participativa, onde as pessoas possam se expressar livremente. A tolerância e o respeito mútuo faz com que se aumente a qualidade das relações humanas e sociais, e ainda de acordo com este mesmo autor, constitui a base de uma sociedade pluralista que é constantemente renovada, valorizada e enriquecida pela diversidade presente em seu interior. Isto poderia dirimir a situação de desencaixe social vivida por grande parte da população latino americana, que de um momento para o outro foi lançada de um mundo pré-moderno para um mundo pós-moderno.

Pode-se dizer que é muito difícil chegar a um consenso sobre o que vem a ser a pós-modernidade, porém, parece ser senso comum que a pós-modernidade trás



consigo um reencantamento do mundo, o qual foi desencantado e secularizado no processo de modernização. Para alguns não se trata de um reencantamento, mas simplesmente fazer ressurgir o sentimento religioso que sempre esteve latente na sociedade moderna. Para se compreender a sociedade contemporânea é necessário compreender o fenômeno religioso. Será muitas vezes através de uma Religião que um indivíduo que se encontra deslocado, em situação de anomia social, poderá começar a reconstruir a sua identidade, sendo aos poucos reencaixado na sociedade pós-moderna. Este reencaixe será fruto de um processo longo de busca, adaptação e novas descobertas, diante de um mundo globalizado em constante alteração. Exatamente por ser o mundo pós-moderno tão volátil, podemos dizer que o ser humano enfrenta cotidianamente situações de encaixe, desencaixe e reencaixe social.

Pace (1997), mostra como é difícil se delinear um conceito claro para o que vem a ser a globalização, pois a mesma apresenta vertente política, econômica, financeira e religiosa. É um termo complexo e que ainda não foi bem definido. O termo globalização geralmente aparece associado à internacionalização dos mercados capitalistas e à crescente urbanização do mundo. Pace (1997) diz que deveríamos considerar a globalização como sendo a afirmação de uma consciência global, envolvendo todos os indivíduos e sociedades da atualidade. Trata-se de um processo subjetivo, e como tal sujeito a vários pontos de vista interpretativos. Este processo leva as pessoas a uma consciência crescente de que fazemos parte de um mesmo planeta, compartilhando todos do destino da Terra.

Dentro da globalização encontramos também uma vertente religiosa. Pace (1997) e outros estudiosos observam uma crescente tendência a um certo sincretismo religioso, ou seja, uma certa homogeneização de crenças religiosas, uma religião globalizada. Essa síntese religiosa tem sido observada no mundo todo, inclusive na América Latina e fortemente aqui no Brasil. A partir deste ponto de vista a religião institucional tradicional está em crise, dando margem a uma religião mais subjetiva. Isto é importante para entendermos que, diante de um mundo globalizado, em que as comunidades locais e familiares se encontram mais fragilizadas, o indivíduo acaba por voltar-se para si mesmo, buscando respostas que satisfaçam aos seus questionamentos, não se sentindo mais tão deslocado ou desencaixado diante do mundo exterior, uma vez que em seu interior ele encontra de novo o equilíbrio original.

Pace (1997), mostra que a etnocidade do ocidente que concebe a globalização como sendo uma forma positiva de secularização deve ser questionada, pois não leva em consideração a tendência ao sincretismo das crenças e a complexidade que se tem para rearticular valores que se perdem no processo, e também pelo fato de que a religião é muitas vezes a forma de resistência cultural dos povos não ocidentais. Este processo globalizante, moderno e secularizante acabam por desarticular a cultura e tradições destes povos. Estes novos problemas e situações da vida moderna acabam por obrigar as religiões a ajustarem-se aos novos tempos, tentando dar respostas claras e objetivas para os problemas globais.



Harvey (1994), apresenta de forma concisa e coerente as incongruências da pós-modernidade, argumentando que a cultura pós-moderna é claramente diferente da moderna, mesmo que estas diferenças possam se apresentar como superficiais ao final. Para ele o pós-modernismo se baseia dentro de uma moldura apresentada pela cultura capitalista moderna, sendo por isto mesmo superficial. Em se tratando de cultura e estética, argumenta que a pós-modernidade vê a si mesma como um movimento desejoso e ao mesmo tempo caótico, visando superar todas as imperfeições causadas pelo modernismo, porém, o pós-modernismo exagera quando quer substituir o modernismo, pois os dois estão intrinsecamente entrelaçados e se cruzam em vários pontos e momentos. Como vemos, este autor não nega a pós-modernidade, ele é apenas cauteloso ao falar das transformações causadas pela mesma, pois em um grande setor da sociedade atual existe uma visível influência da modernidade precedente. Harvey (1994) apresenta um excelente exemplo das contradições existentes dentro da pós-modernidade.

As condições sociais e econômicas da modernidade começaram a surgir no princípio do século XVI, com a expansão do comércio internacional, a urbanização da Europa e o aumento da alfabetização da população. Além destes fatores, conjugou-se a Reforma Protestante, com a sua ênfase no individualismo, educação, família como núcleo central, uma fé racional e no progresso humano, desenvolvimento dos métodos científicos, etc. A modernidade se caracteriza pelo seu alto grau de centralização do controle de produção, a produção industrial em larga escala, e a oferta de produtos que antes eram restritos a certos grupos, e que passa a estar disponível a todos, através da industrialização.

A pós-modernidade, por outro lado, se caracteriza por uma quebra geral das condições de produção da modernidade, causada pela mudança causada pela entrada do capitalismo em uma nova fase. Para muitos estudiosos, a produção de informação, notícias, internet, ciência, acaba por se tornar na pós-modernidade mais importante do que a produção material. Isto pode ser observado no primeiro mundo, onde as indústrias pesadas estão desaparecendo e se transferindo para o chamado terceiro mundo. Alguns definem o início da pós-modernidade como sendo o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945. Com esta ênfase na produção intelectual da pelo pós-modernismo é que podemos perceber as rápidas mudanças sociais que ocorreram. Com o advento do rádio, televisão, computação, internet, e-mail, telefonia, o mundo se tornou pequeno, e as noções de tempo e espaço anteriormente existentes caem por terra. É neste momento que podemos falar em desencaixe causado pela pós-modernidade.

Moreira (1992), descreve, mesmo que de forma sintética, um perfil do chamado "homem moderno". Para ele o ser humano moderno possui as seguintes características:

1. A historicidade – ao compreender processualmente a história o homem passa a compreender toda a realidade em que se encontra inserido. A



- consciência do seu papel central na história faz com que o homem moderno assuma a sua função de agente da história.
2. O relativismo – A visão de mundo se baseia numa concepção de que o tempo é uma sucessão linear e matemática de momentos em si mesmo iguais. Todo momento passa a ter um valor relativo, sendo que o homem moderno passa a olhar para o futuro, na antecipação do próximo momento. O mundo se torna relativo e não mais existem verdades imutáveis e irrefutáveis.
 3. A imanência – O subjetivismo racional e sensual passa a ser a afirmação de valor da realidade terrena. As respostas para todos os questionamentos encontram-se neste mundo e não mais em um mundo metafísico-transcendente.
 4. A factibilidade – A produtividade, o fabricar, passa a ser a forma básica que rege as relações humanas. O ser humano se transforma antes de qualquer coisa em um trabalhador, em um homo faber, que produz coisas. A produção passa a ser o critério implícito do julgamento de valor.
 5. A liberdade – O liberalismo moderno enfatiza a liberdade individual. Na modernidade, ser livre, ser sujeito e ser humano são sinônimos entre si, e definem a cosmovisão de mundo. Isto muda completamente a visão do homem do passado, do ponto de vista antropológico. A modernidade afirma o valor absoluto do sujeito, cuja autoconsciência passa a ser o último critério de valoração.
 6. A crise de autoridade – A competência passa a ser o critério pelo qual a autoridade pode ser exercida. A autoridade não mais se impõe simplesmente pela força ou por vocação divina. A autoridade moderna se baseia como sendo fruto do esforço, disciplina e eficiência profissional do indivíduo. A modernidade acaba por gerar a crise da autoridade, ao mesmo tempo em que produz o rebelde contra a autoridade e o 'sistema', assim como acaba gerando a figura do ser humano conformado, que se apressa em se adaptar ao sistema dominante para poder sobreviver.
 7. A secularização – O homem moderno, secular e auto-suficiente, não necessita mais de um céu transcendente. O Céu foi esvaziado e Deus se tornou supérfluo. Parodiando Nietzsche, Deus está morto e conseqüentemente o homem que o cultuava também.

Conclusão

Sendo assim, o homem moderno e principalmente pós-moderno, acaba por se encontrar em um mundo completamente novo, em que as premissas existentes no período medieval já não mais se aplicam. O problema maior é que estas mudanças aconteceram em um período extremamente curto de tempo, não permitindo ao ser humano o tempo necessário para processar estas mudanças sociais, políticas, culturais e religiosas causadas pela pós-modernidade. A pós-modernidade vê assim surgir uma religião global, uma religião civil, a qual tenta sintetizar e responder aos



anseios do homem moderno. Vejamos o que diz Martelli (1995) sobre esta mudança ocorrida nas funções da Religião.

“Em particular, o acento cada vez menor sobre as igrejas e as instituições religiosas, e mais sobre a contribuição dada pela Religião, como sistema simbólico, para a estabilização das concepções gerais que regulam as sociedades modernas.... numa sociedade pluralista cresce a necessidade de uma religião ‘acima da fé’, ou seja, uma ‘moral leiga’ que, como já haviam desejado Rousseau e Durkheim, consagre e solidifique as bases de vivência civil.” (p.461-462)

Esta nova religião global ou civil pode ser uma opção para trazer uma certa estabilidade social e ao mesmo tempo promover o reencaixe dos indivíduos em uma ordem social que foi tão rapidamente modificada. Giddens (1991) fala que o desencaixe dos sistemas sociais é o “deslocamento” das relações sociais de contextos locais, onde as pessoas interagem, e sua reestruturação através de um tempo-espaço indefinido. Para ele os dois sistemas de desencaixe presentes nas instituições sociais modernas são as fichas simbólicas e os sistemas peritos.

As fichas simbólicas são os meios de intercâmbio que podem ser circulados sem ter em vista as características específicas dos indivíduos ou grupos que lidam com elas em qualquer conjuntura particular, proporcionando um distanciamento tempo-espaço. A principal ficha simbólica é o capital, já que possibilita a realização de transações entre pessoas que se encontram separadas no tempo e no espaço. Para Giddens (1991), tendo em vista esta particularidade, uma das formas mais características de desencaixe na modernidade é a expansão dos mercados capitalistas, que não mais respeita o tempo e o espaço anteriormente conhecido.

Os sistemas peritos são aqueles priorizam a excelência técnica ou competência profissional e organizam os ambientes material e social do mundo moderno. Eles são mecanismos de desencaixe porque retiram as relações sociais do seu contexto tempo-espaço, promovendo a separação tempo-espaço, a qual passa a ser outro ponto importante para entendermos o dinamismo da modernidade. Esta separação leva à formação de instituições ‘desencaixadas’ que aumentam amplamente o distanciamento tempo-espaço, permitindo assim várias possibilidades de mudança ao acabar com as restrições dos hábitos e práticas locais. Ela também proporciona os meios para a organização racionalizada e subjetiva, um meio de destruição da vida social. As organizações modernas passam a ter a capacidade de conectar o local e o global de um modo impensável em sociedades mais tradicionais e locais.

REFERÊNCIAS



ANDERSON, Perry et al. *Pós-liberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.

GUMUCIO, Cristián Parker. *Globalización, Diversidad Religiosa y Democracia multicultural*. In: IX Jornada sobre alternativas religiosas na América Latina. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999. Centro de Filosofia e Ciências Humanas.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 1994.

IANNI, Otávio. *Teorias da Globalização*. Editora Civilização A Brasileira, 1996.

LYOTARD, Jean-François. *O Pós-moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

MARCUSE, Herbert. *Ideologia da Sociedade Industrial*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

MARTELLI, Stefano. *A Religião na sociedade pós-moderna, entre secularização e dessecularização*. São Paulo: Paulinas, 1995.

MOREIRA, Luiz Alberto et alii. *O homem perante o novo milênio*. Cadernos do Ifan. Universidade São Francisco. São Paulo: 1992.

PACE, Enzo. *Globalização e Religião*, Ed. Vozes: São Paulo, 1997.

SANTAELLA, Lúcia. *Pós-Modernismo e Semiótica*. CALHUB, Samira (org.). *Pós-modernismo & Semiótica, Cultura, Psicanálise, Literatura, Artes Plásticas*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

TOURAINE, Alain. *Crítica da Modernidade*. Petrópolis, Vozes, 1994.